

Morin apela a mudança no ensino

Educação. Sociólogo francês sugere a criação de um ano propedêutico na Universidade

"É necessário mudar a forma do ensino para que as pessoas possam compreender os problemas da humanidade, cada vez mais complexos e que precisam de uma visão global." Foi esta a mensagem que Edgar Morin, filósofo e sociólogo francês, deixou ontem em Viseu, onde participou no colóquio "Complexidade, Valores e Educação do Futuro", que assinalou os 30 anos de vida do Instituto Piaget.

Morin frisou as insuficiências de "um ensino que não prepara

para enfrentar os desafios do presente e do futuro" e defendeu a "criação de um ano propedêutico, na Universidade, para que todos possam compreender a sociedade, cada vez mais complexa e global e que precisa de um saber não compartimentado, mas transversal".

O filósofo defendeu "uma reforma radical do ensino" para que "as pessoas fiquem aptas a compreender e a enfrentar os problemas fundamentais da humanidade, demasiado mecanizada". Para



Filósofo quer reforma radical

o pensador, o ensino "está separado de uma visão global separada do mundo exterior.

Aos 89 anos Edgar Morin é considerado a nível mundial um dos maiores pensadores vivos e ontem defendeu ainda a ideia de cada Governo criar um "observatório das desigualdades" económicas, para que todos os anos estas fossem reduzidas. "Parece-me que nos últimos 20 anos houve um desenvolvimento das desigualdades, que são cada vez maiores", disse, sugerindo: "Deve em cada nação fazer-se um observatório das desigualdades, para em cada ano reduzir as diferenças entre os de cima e os de baixo." ■

AMADEU ARAÚJO

DN 23/5/2009

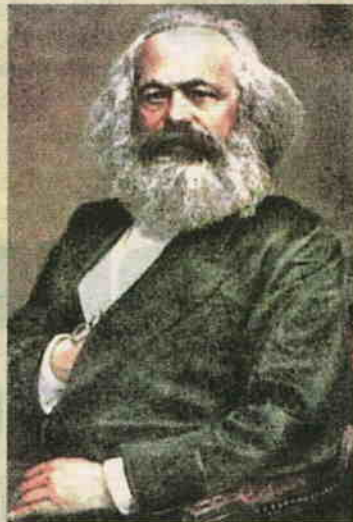
A desumana tirania das ideias

Alguns pensadores que quiseram revolucionar a sociedade e até mudar a natureza humana eram intratáveis na vida pessoal. E louvavam ditaduras

■ PEDRO CORREIA

Até que ponto os homens que mais se arrogaram dar lições aos seus semelhantes em matéria de filosofia política, padrões morais ou conduta cívica eram afinal modelos a seguir nas suas vidas privadas? Esta é uma das interrogações subjacentes a uma das mais notáveis obras ensaísticas lançadas nos últimos meses no mercado editorial português, embora com incompreensíveis duas décadas de atraso: *Intelectuais*, de Paul Johnson (Guerra e Paz, 2009). O historiador britânico analisa as profundas discrepâncias entre o que pregavam e o que faziam homens que marcaram dois séculos do pensamento ocidental – de Rousseau a Fassbinder, passando por Marx, Brecht, Russell, Sartre e vários outros. Os casos são múltiplos, a conclusão é idêntica: nenhum deles, na pele de cidadão comum, era um bom exemplo.

Eram misóginos, machistas, mitómanos, maus filhos, péssimos pais, devassos, avaros, demasiado zelosos da fama própria e com uma inveja mórbida da fama alheia. Quiseram mudar as regras da sociedade e até ambicionaram mudar a natureza humana. Mas muitos deles não hesitavam em humilhar e espezinhar quem lhes estava mais próximo – enquanto louvavam alguns dos maiores tiranos de que há memória.



Marx nunca conheceu um trabalhador na vida

Johnson, um inglês de Manchester que dirigiu a revista *New Statesman* e se notabilizou com obras como *História do Cristianismo* e *História dos Judeus*, não hesita aqui em abalar as mais conceituadas reputações.

Rousseau, que tanto teorizou sobre a educação de crianças e jovens, forçou a mulher a entregar quatro filhos, sucessivamente, a instituições de caridade para não se dar ao incómodo de os criar. Marx, que sonhou “tirar as grilhetas” às classes trabalhadoras, jamais conheceu um trabalhador: vivia às custas do amigo Friedrich Engels, era um tirano no lar e não pagava às criadas que o serviam.

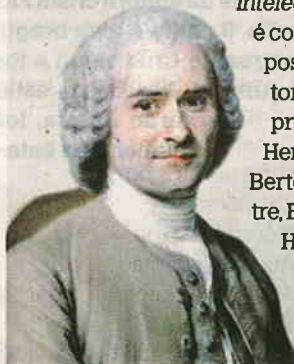
“Marx nunca pôs os pés numa fábrica, numa mina ou em qualquer outro local de trabalho industrial em toda a sua vida”, assegura Johnson. Henryk Ibsen, o primeiro porta-voz da emancipação feminina, engravidou uma empregada doméstica sem nunca ter conhecido ou reconhecido o filho. Brecht, autoproclamado lutador pelos direitos humanos, era indiferente à felicidade daqueles que o rodeavam – a começar pelos filhos. Sartre, ídolo de certa esquerda muito solidária, era afinal um poço de egoísmo e o mais contraditório dos pensadores políticos.

Eis outro traço comum entre as personalidades retratadas por Paul Johnson: a sua frequente atracção por ditadores de vários matizes, a quem davam a respectiva caução intelectual. Um fenómeno a que o historiador chama “a fuga da razão”: os maiores déspotas – Hitler, Estaline, Mussolini, Mao – sempre tiveram legiões de intelectuais a justificá-los e a louvá-los. E daí a conclusão máxima desta obra: a *intelligentia* pode ser perigosa quando se põe ao serviço da tirania. “Devemos sempre lembrar-nos do que os intelectuais habitualmente se esquecem: as pessoas têm mais importância do que os conceitos e devem vir sempre em primeiro lugar. O pior de todos os despotismos é a desumana tirania das ideias”, sublinha Johnson. Excelente remate de um excelente livro. ■

Fraqueza moral

Deverá o indivíduo ser menos avaliado do que as ideias que representa? Esta é uma das interrogações a que se propõe responder Paul Johnson n' *Os Intelectuais*, lançado originalmente em 1988. Daqui ressalta, como o historiador sublinha, “a característica fraqueza moral do intelectual”. Muitos haviam sido excessivamente mimados pelas mães, não toleravam o sucesso alheio e votavam ao desprezo os próprios filhos enquanto se deixavam sucumbir por políticos com ‘pulso forte’ e eles próprios revelavam comportamentos tirânicos.

De Rousseau a Chomsky



Intelectuais (494 páginas) abre com aquele que é considerado o primeiro intelectual dos tempos modernos: Jean-Jacques Rousseau, o autor de *Confissões* e *O Contrato Social*. E prossegue com Percy Shelley, Karl Marx, Henryk Ibsen, Lev Tolstói, Ernest Hemingway, Bertolt Brecht, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Edmund Wilson, Victor Gollancz, Lillian Hellman, Cyril Connolly, Norman Mailer, Kenneth Tynan, James Baldwin, Rainer Werner Fassbinder e Noam Chomsky. Uma verdadeira galeria.

Glória das salas

Uma das personagens independentes da *Vida. Os Meus Anos* partiu na quinta-feira para Lisboa já na fase final dos sinais de decadência: catifas e às cadeiras. Apesar de ter conhecido que Bénard da Costa no Império pela mãe (Disney), ainda foi a boetas, uma experiência que nunca terá. Eu ainda sou do mar para um filme que nunca nos pasculto a outra coisa que uma pessoa ru burger, em que não dor em vez de se al quarto para o efeito que o São Jorge a tinha sido fatiado salas e detinha o e dos desenhos animados Pantera-Cor-de-Ro tante antes de Vasco começar a passá-levisão.

E não são apenas cinemas mais majestuosos e emblemáticos da que a geração dos anos nunca conheceu também as salas e mais “cinéfilas” e confortáveis. O Estú onde não sei por q posto, o Satélite, ide te finado Quarteto, ta reminiscência). Ou ainda os cine alta, como o Apolo reabriu há semana lá está, mesmo que gramação pensado da de Roma, que a da praxe iam lanch te deste grupo é o “piolhos” de muitas. Por isso, entre o última sessão num cho definitivo, e da Império em que se Eden em que parte sabou de tão de cre depois de muitas e